

---

*Lazarilho de Tormes*. São Paulo: Editora, 2005, 224 pp. Edição bilíngüe. Organização, edição do texto em espanhol, notas e estudo crítico de Mario M. González. Tradução de Heloísa Costa Milton & Antonio R. Esteves.

---

Esta edição do *Lazarilho de Tormes* tem uma aparência simples. Capa sóbria, de cartolina, na cor areia, com título e detalhes em telha escuro, à imitação das encadernações de couro, uma pequena gravura em preto e uma pequena descrição, em letras pequenas. Ao ler esses detalhes, logo fica-se intrigado: edição bilíngüe, menção à edição de referência e créditos da organização, edição de texto em espanhol, notas, estudo crítico –

de Mario González – e tradução – de Heloísa Costa Milton & Antonio R. Esteves. Ao folhear o índice, as expectativas aumentam: “Apresentação”, “As traduções de *Lazarilho de Tormes* ao português”, “Critérios da presente edição em espanhol”, “Nota dos tradutores”, o texto, estudo crítico, informações sobre as moedas da época da aparição do texto, lista das edições recentes de *Lazarilho de Tormes* em espanhol e uma “Bibliografia mínima sobre *Lazarilho de Tormes*”. Ao chegar a este ponto resulta evidente que se trata de uma edição que promete – e como veremos, cumpre.

Na Apresentação (p. 7) o organizador resume a situação de *Lazarilho de Tormes* em português: uma obra de primordial importância na narrativa espanhola e universal que, no entanto, não

dispunha, até o lançamento desta, de uma edição à altura para leitores brasileiros. Os motivos da carência eram, segundo afirma, que as traduções partiram da edição mutilada pela censura, modificavam o texto – às vezes tão radicalmente quanto a censura, ou mais –, se pautavam por critérios inadequados ou “careciam de um aparato crítico que desse conta da complexidade do texto”. A continuação explica a circunstância da descoberta em 1992 de uma edição do *Lazarillo* desconhecida até então, a edição de Medina del Campo, tida por vários críticos como a mais próxima da *princeps*. É a partir de uma cópia fac-similar dessa edição que esta foi elaborada. A apresentação faz ainda uma brevíssima resenha de outros aspectos da edição, como o seu público alvo – acadêmicos e amantes da literatura em geral –, o fato de ser bilíngüe e ambas versões aparecerem em espelho, a inclusão de notas e de um estudo crítico “no qual se comentam e elucidam alguns dos principais problemas que o texto apresenta”.

Após uma breve seção em que se dá conta das edições anteriores de *Lazarillo de Tormes* em português (p. 10), são descritos os critérios desta edição no que tange

ao texto em espanhol (p. 11). A profusão de detalhes e exemplos mostram – se é que alguém não tinha percebido ainda – que se trata de uma edição muito cuidada, que buscou respeitar o texto original “de modo a preservar seu sentido histórico”. As modificações feitas são, segundo se declara, as menores possíveis, buscam apenas facilitar a leitura do leitor contemporâneo e são basicamente de natureza ortográfica, com o adendo da correção de algumas erratas (o que, aliás, sempre é comentado em nota). Fiel ao intuito de modificar o mínimo possível o texto, o seu aspecto arcaizante é mantido, por exemplo, mediante a conservação de inúmeras contrações não mais existentes e de muitos outros aspectos da ortografia. É descrito também nesta seção o tipo de notas usadas na edição: fundamentalmente cotejos da edição de Medina del Campo com as outras conhecidas.

Na Nota dos tradutores é mencionado o critério básico da tradução: fidelidade ao texto original com a ressalva de não resultar inacessível ao leitor brasileiro contemporâneo. Para isso, os tradutores afirmam ter buscado modernizar alguns registros lingüísticos – com ênfase na atualização semântica --

mas ao mesmo tempo ter preservado um certo tom arcaizante – fundamentalmente através do “resguardo de algumas construções sintáticas inerentes à especificidade poética da obra”.

Compreende-se perfeitamente a preocupação declarada dos tradutores: o texto original apresenta, sem dúvida, dificuldades inúmeras para o leitor de hoje. Reproduzir em português as suas características implica renunciar à facilitação sumária da leitura. alguma atualização pode ser necessária, especialmente no plano semântico, já que dificilmente se disporá de um léxico equivalente e pertencente ao mesmo segmento diacrônico. Mas a atualização precisa ser relativa, especialmente no plano sintático: nele, a estranheza das construções constitui um grande desafio para os leitores contemporâneos do texto original, mas nem por isso o torna incompreensível. Antes, a sintaxe e o léxico estão na base do estilo do texto,

que temos, creio, a expectativa de que seja reproduzido numa tradução. No entanto, isso não resulta evidente na leitura.

No estudo crítico, ao final do livro, González se refere, entre outras coisas, ao gênero, e cita, entre outros, Claudio Guillén, para quem *Lazarillo de Tormes* é uma *epístola falada*. González não concorda plenamente com esta visão. Na sua argumentação ele defende que se trata de uma *epístola confessional*. Estas duas visões originam-se claramente no próprio texto, cuja organização é muitas vezes característica da oralidade. Nesse sentido, por exemplo, mantendo-nos no plano sintático, abunda em períodos longos, em justaposições, concatenações, em apontar um tipo de coordenação e realizar outro. A tradução, no entanto, busca produzir orações mais próximas da língua padrão, com uma sintaxe mais acabada, dividindo, se necessário, os períodos em outros menores:

*Mi viuda madre, como sin marido y sin abrigo se viese, determinó arrimarse a los buenos por ser uno dellos y vínose a vivir a la ciudad y alquiló una casita y metíase a guisar de comer a ciertos estudiantes; y lavaba la ropa a*

Minha mãe, viúva, vendo-se sem marido e sem abrigo, decidiu juntar-se às pessoas de bem para poder ser uma delas. Foi então morar na cidade, onde alugou uma casinha e passou a dar de comer a um grupo de estudantes e lavava

<p><i>ciertos mozos de caballos del Comendador de la Magdalena. (p. 28)</i></p>	<p>a roupa de alguns rapazes que cuidavam dos cavalos do Comendador da Magdalena. (p. 29)</p>
<p><i>Así como he contado, me dejó mi pobre tercero amo, do acabé de conocer mi ruin dicha, pues, señalándose todo lo que podría contra mí, hacía mis negocios tan al revés, que los amos, que suelen ser dejados de los mozos, en mí no fuese así, mas que mi amo me dejase y huyese de mí. (p. 146)</i></p>	<p>Assim como contei, deixou-me o meu pobre terceiro amo, fazendo-me comprovar a minha má sorte que, voltando-se sempre contra mim, virava tudo do avesso. Tanto que, normal-mente, os amos são abandonados pelos criados, e comigo isso não ocorreu: foi o meu amo quem me abandonou, fugindo de mim. (p. 147)</p>

Por outro lado, às vezes faz o contrário, porém com o mesmo intuito:

<p><i>Contemplaba yo muchas veces mi desastre: que, escapando de los amos ruines que había tenido y buscando mejoría, viniese a topar con quien no sólo no me mantuviese, mas a quien yo había de mantener. Con todo, le quería bien, con ver que no tenía ni podía más, y antes le había lástima que enemistad. Y muchas veces, por llevar a la posada con que él lo pasase, yo lo pasaba mal. (p. 122)</i></p>	<p>Contemplava eu muitas vezes minha desgraça, pois, havendo escapado dos amos ruins que tivera e procurando melhorar, viera topar com quem não só não me sustentava, mas a quem eu devia sustentar. Apesar disso, eu gostava dele. Vendo que nada tinha e nada podia fazer, sentia pena e não raiva e muitas vezes, para levar para casa algo com que ele passasse bem, eu passava mal. (p. 123)</p>
--	---

Nesse sentido, creio que a tradução é um texto de características diferentes daquelas propostas. No entanto, é preciso atentar para seus valores. Dentro da mesma linha de análise da proposta declarada pelos tradutores, podemos

notar que o critério básico da tradução foi satisfeito, mesmo que por outros meios diferentes dos propostos. A fidelidade, entendida em termos de fidelidade aos fatos narrados, se confirma plenamente, e a renúncia ao estilo au-

menta enormemente a acessibilidade do texto. A atualização lexical, por sua vez, é levada a cabo criteriosamente, isto é: acon-

tece quando é necessária para a compreensibilidade do texto, do contrário é evitada.

<p><i>Y ansí buscaba conveniente tiempo para rehacer, no la chaza, sino la endiablada falta que el mal ciego me faltaba.</i> (p. 40)</p>	<p>Dessa forma, aguardava a ocasião apropriada, não para repetir o <i>feito</i>, mas para aliviar o diabo da <i>fome</i> que o maldito cego <i>me impunha</i>. (p. 41)</p>
<p><i>Quisieron mis hados o, por mejor decir, mis pecados, que una noche que estaba durmiendo, la llave se puso en mi boca, que abierta debía tener, de tal manera y postura, que el aire y resoplo que yo durmiendo echaba salía por el hueco de la llave, que de cañuto era, y silbaba, según mi desastre quiso, muy recio, de tal manera que el sobresaltado de mi amo lo oyó y creyó sin duda ser el silbo de la culebra, y cierto lo debía parecer.</i> (p. 90)</p>	<p>Quis minha <i>má sorte</i>, ou melhor, meus pecados, que, uma noite em que eu estava dormindo, a chave moveu-se de tal maneira em minha boca, que devia estar aberta, que o ar <i>que eu expelia ao respirar</i> saía pelo buraco da chave e assobiava. Tão forte era o assobio, para a minha desgraça, que meu amo o escutou e acordou sobressaltado, acreditando tratar-se do silvo da dita cobra, <i>como de fato</i> devia parecer. (p. 91)</p>
<p><i>Levantóse muy paso...</i> (p. 90)</p>	<p>Levantou-se <i>bem devagar</i>... (p. 91)</p>
<p><i>Y por lo que tocaba a su negra que dicen honra, tomaba una paja de las que asaz no había en casa y salía a la puerta escarbando los que nada entre sí tenían, quejándose toda vía de aquel mal solar diciendo:</i> (p. 126)</p>	<p>E quanto à sua maldita honra, pegava uma palha, <i>das poucas que havia pela casa</i>, e saía à porta palitando <i>os dentes, que entre si nada tinham</i>. Queixando-se, como sempre, daquele solar funesto, dizia: (p. 127)</p>
<p><i>... dándome relación de su persona velerosa.</i> (p. 140)</p>	<p>... dando-me notícias de sua valorosa pessoa. (p. 141)</p>
<p><i>— Bastante relación es ésta para cobrar vuestra deuda, aunque mejor fuese.</i> (p. 144)</p>	<p>— É uma informação e tanto para cobrar a dívida! Como se não faltasse mais nada! (p. 145)</p>

<p><i>De manera que, atrás de que tenían mala gana de tomalla, [(la bula)] con aquello del todo la aborrecieron. (p. 154)</i></p>	<p>De maneira que, se <i>antes não tinham vontade</i> de recebê-las [(as bulas)], com todo aquele escândalo <i>não queriam nem ouvir falar nelas. (p. 155)</i></p>
<p>(grifos meus)</p>	<p>(grifos meus)</p>

Como se vê, a atualização é guiada pela busca da clareza do texto sem cuidar da manutenção do estilo. Assim, abre-se mão dos jogos de palavras (“*la endiablada falta que el mal ciego me faltaba*”), do humor (“*los que nada entre sí tenían*”) ou de elementos formais como rimas (*hados / pecados*).

Esta tradução deve ser valorizada como uma leitura aproximativa do significado, não da forma. Não tenho dúvida de que, nesse sentido, é a tradução mais adequada para a edição — pois a disposição em espelho de original e tradução permitem que leitores pouco experientes possam seguir adiante na leitura em espanhol, recorrendo à tradução adjacente para não perder o fio da meada —, embora não seja coerente com o critério pretendido pelos tradutores e talvez, se depender da interpretação que podemos dar às suas

palavras de apresentação, pelo organizador da edição.

Na última parte da edição aparece o estudo crítico de *Lazarillo de Tormes* que já citamos (p. 185), em cujas 33 páginas González aborda os aspectos mais relevantes do texto oferecendo um panorama geral da crítica e posicionando-se nesse contexto. Os subtítulos do estudo são: “As primeiras edições”, “O autor”, “O gênero”, “O anti-herói”, “O primeiro romance picaresco”, “O ‘Prólogo’”, “A estrutura” e “O sentido crítico”. Esta parte inclui também uma descrição das “Moedas cunhadas no Reino de Castela e Leão, no século XVI, sob Carlos I” (p. 218), uma lista das principais edições recentes do livro em espanhol (p. 220) e uma “Bibliografia mínima sobre *Lazarillo de Tormes*” (p. 221).

Pablo Cardellino  
UFSC